

Índice

Anna, Soror...	7
Um Homem Obscuro	59
Uma Bela Manhã	159
Posfácios	
Anna, Soror...	187
Um Homem Obscuro	199
Uma Bela Manhã	205
Notas do Posfácio de <i>Anna, Soror...</i>	207

Anna, Soror...

Nascera em Nápoles no ano de 1575, detrás das espessas muralhas do Forte de Sant'Elmo, cujo governador era seu pai. Há longos anos estabelecido na península, dom Álvaro ganhara o favor do vice-rei, mas também a hostilidade do povo e a dos membros da nobreza campesina que suportavam mal os abusos dos funcionários espanhóis. Mas ninguém, pelo menos, contestava a sua dignidade nem a excelência do seu sangue. Graças ao seu parente, o cardeal Maurizio Caraffa, desposara a neta de Inês de Montefeltro, Valentina, última flor a esgotar a seiva de uma raça entre todas privilegiada. Valentina era bela, branca de rosto, fina de cintura: a sua perfeição desencorajava os fazedores de sonetos das Duas Sicílias. Preocupado com o risco que uma tal maravilha fazia correr à sua honra, e naturalmente propenso a desconfiar das mulheres, dom Álvaro impunha à sua uma vida quase claustral, e os anos de Valentina iam-se partilhando entre os melancólicos domínios que seu marido possuía na Calábria, o convento de Ísquia onde passava a Quaresma e as câmaras baixas e abobadadas da fortaleza em cujas masmorras apodreciam os suspeitos de heresia e os adversários do regime.

A jovem aceitou de bom grado a sua sorte. A infância, passara-a ela em Urbino, na mais polida e refinada das sociedades, no meio dos manuscritos antigos, das doutas conversas e das violas de amor. Os derradeiros versos de Pietro Bembo agonizante foram compostos para celebrar a sua próxima vinda ao mundo. Sua mãe, ainda mal refeita do parto, levou-a, ela mesma, a Roma, ao claustro de Sant'Anna. Uma mulher pálida, boca marcada por uma ruga de tristeza, tomou

a criança nos braços e deu-lhe a sua bênção. Era Vitória Colona, viúva de Ferrante d'Avalos que venceu em Pavia, a mística amiga de Miguel Ângelo. Ter crescido ao lado dessa musa austera deu a Valentina uma singular gravidade e a calma dos que nem sequer à felicidade aspiram.

Absorvido pela ambição e por crises de hipocondria religiosa, seu marido, que a negligenciava, pusera-a de lado depois do nascimento de um filho, do seu segundo filho. Não lhe criou rivais, tendo como aventuras galantes na corte de Nápoles tão-só as necessárias para estabelecer a sua reputação de fidalgo. Sob a máscara, naquelas horas de abatimento em que uma pessoa se entrega a si mesma, passava dom Álvaro por preferir as prostitutas moiriscas cujos favores se regateiam, no bairro ribeirinho, com as patroas das espeluncas agachadas junto a uma lamparina ou a um braseiro. Dona Valentina não se molestou. Esposa irrepreensível, jamais teve um amante; escutava com indiferença os galantes petrarquistas, nunca participava nas cabalas que urdiam entre si as várias amantes do vice-rei, nem elegia de entre o seu séquito qualquer confidente ou favorita. Por respeito às conveniências, envergava nas festas da corte as vestes magníficas que quadravam à sua idade e à sua condição, mas não se detinha diante dos espelhos a contemplar-se, a ajeitar uma prega ou a apertar um colar. Todas as noites deparava dom Álvaro, sobre a mesa, com as contas da casa conferidas pela mão precisa de Valentina. Era no tempo em que o Santo Ofício, recém-introduzido na Itália, espiava o mínimo estremecimento das consciências; Valentina evitava cuidadosamente todas as conversas que abordassem assuntos de fé, e a sua assiduidade aos ofícios era a que convinha. Ninguém sabia que ela fazia passar em segredo roupa e bebidas reconfortantes aos presos nas masmorras da fortaleza. Sua filha Anna nunca conseguiu lembrar-se, mais tarde, de algum dia a ter ouvido rezar, mas viu-a, muitas vezes, na sua cela do convento de Ísquia com um *Fédon* ou um *Banquete* nos joelhos, as belas mãos poisadas no parapeito da janela aberta, meditar longamente diante da baía maravilhosa.

Os filhos veneravam-na como uma madona. Dom Álvaro, que contava mandar em breve seu filho para Espanha, só raramente exigia a presença do mancebo nas antecâmaras do vice-rei. Miguel

passava longas horas sentado ao lado de Anna na salinha doirada como o interior de um cofre, onde corria, bordada sobre os muros, a divisa de Valentina: *Ut crystallum*. Ensinara-os a ler, desde crianças, em Cícero e em Séneca: e enquanto eles ouviam aquela voz terna explicar-lhes uma máxima ou um argumento, confundiam-se os seus cabelos sobre as páginas. Naquela idade, Miguel era muito parecido com a irmã; se não fossem as mãos, delicadas nela, endurecidas nele pelo uso das rédeas e da espada, tê-los-iam tomado um pelo outro. As duas crianças, que se amavam, eram muito caladas, não necessitando de palavras para gozar do prazer de estarem juntas; dona Valentina pouco falava, com aquele instinto justo e avisado de quem se sente amado sem se sentir compreendido. Guardava, numa caixinha, uma coleção de pedras preciosas gregas, ornadas, muitas delas de figuras nuas. Subia às vezes os dois degraus que levavam ao fundo vão das janelas para expor aos derradeiros raios do sol a transparência das sardónicas, e, assim envolta pelo oiro oblíquo do crepúsculo, também ela, Valentina, parecia diáfana como as suas gemas.

Anna baixava os olhos, com aquele pudor que nas meninas piedosas mais se agrava à beira da idade núbil. Dona Valentina, com o seu flutuante sorriso, dizia:

— Tudo o que há de belo traz a luz de Deus.

Falava-lhes em língua toscana; eles respondiam em espanhol.

No mês de Agosto de 1595, dom Álvaro anunciou que, antes das festas do Natal, devia o filho estar em Madrid, onde um parente seu, o duque de Medina, lhe dava a honra de o receber como pajem. Anna chorou em segredo, mas conteve-se, por orgulho, diante da mãe e do irmão. Ao contrário do que dom Álvaro esperava, Valentina não levantou qualquer objecção à partida de Miguel.

O marquês de la Cerna possuía, pelo ramo italiano, vastos domínios cortados de pântanos, que davam pouco rendimento. A conselho dos feitores, tentou aclimatar à sua terra de Acropoli as melhores cepas de Alicante. Teve medíocre sucesso dom Álvaro; não se desencorajou; todos os anos presidia ele mesmo às vindimas. Valentina e os

filhos acompanhavam-no. Naquele ano, dom Álvaro, impossibilitado, pediu à mulher que tomasse conta sozinha daquela propriedade.

A viagem levava três dias. Seguida pelos carros onde se empilhavam os criados, a carruagem de dona Valentina rodava sobre o piso desigual, rumo aos vales do Sarno. Dona Anna ia sentada em frente da mãe; dom Miguel, apesar do seu amor pelos cavalos, tomara lugar ao lado da irmã.

A habitação, construída no tempo dos Angevinos da Sicília, tinha o ar de uma fortaleza. Em começos do século, haviam-lhe acrescentado uma construção coberta a cal, espécie de quinta com o seu pórtico abrindo para um pátio interior, o seu telhado raso onde secava a fruta do pomar e a sua fileira de lagares de pedra. Ali morava o feitor mais a mulher, sempre grávida, e uma caterva de filhos. O tempo, a falta de reparações, as intempéries haviam tornado inabitável a grande sala invadida pela fartura da quinta. Montes de cachos de uvas já cristalizadas no seu próprio suco tornavam peganhento o lado à moirisca, crivado de moscas; tranças de cebolas pendiam das abóbadas; a farinha saída das sacas infiltrava-se, com o pó, por toda a parte; o cheiro do queijo de búfala arranhava a garganta.

Dona Valentina e os filhos instalaram-se no primeiro andar. Os quartos do irmão e da irmã ficavam em frente um do outro; através das vidraças, estreitas como seteiras, calhava dom Miguel entrever o vulto de Anna, indo e vindo à luz de uma candeia. Desfazia o cabelo, gancho a gancho, estendia depois o pé a uma criada para que lho descalçasse. Dom Miguel, por decência, corria as cortinas.

Os dias, sempre iguais, iam-se arrastando, cada um tão longo como o Verão todo. O céu, quase sempre carregado de um nevoeiro de calor colado por assim dizer à planície, ondulava desde a serra baixa até ao mar. Valentina e a filha atarefavam-se, na farmácia meio escalavrada, a confeccionar remédios que distribuíam pelos doentes de malária. Surgiam contratemplos que retardavam o fim das vindimas; atingidos pela febre, havia trabalhadores que não largavam a enxerga; outros, amolentados pelo mal, cambaleavam pela vinha como homens embriagados. Muito embora dona Valentina e os filhos nunca se referissem a isso, a partida iminente de Miguel ensombrava-os aos três.

À noite, no brusco escurecer do crepúsculo, comiam juntos numa salinha térrea. Valentina, fatigada, deitava-se cedo; Anna e Miguel,

uma vez sós, olhavam um para o outro, em silêncio, mas não tardava a ouvir-se a voz límpida de Valentina chamando pela filha. Subiam então os dois a escada; dom Miguel, estendido na cama, contava o número de semanas que faltavam para a partida e, muito embora sofresse por ter de deixar Anna e a mãe, sentia com alívio que essa próxima viagem já dele ia afastando as duas mulheres.

Haviam rebentado motins na Calábria; dona Valentina intimava o filho a que se não afastasse demasiado da aldeia e do castelo. Entre a arraia miúda seivava o descontentamento contra os oficiais e os intendentos espanhóis, e monges havia, sobretudo, que se agitavam nos seus pobres mosteiros alcandorados nas montanhas. Os mais letrados, os que tinham estudado alguns anos em Nola ou em Nápoles, sonhavam com o tempo em que aquela terra era terra grega, cheia de mármore, de deuses, de belas mulheres nuas. Os mais afoitos negavam ou maldiziam a Deus, e conspiravam, dizia-se, com os piratas turcos que lançavam âncora no fundo das enseadas. Falava-se de estranhos sacrilégios, de cristos espezinhadados e de hóstias metidas entre as partes viris para aumentar o vigor; um grupo de monges raptara e sequestrara no convento parte dos jovens de uma aldeia e doutrina-va-os na ideia de que Jesus conhecera carnalmente Madalena e São João. Valentina cortava, com uma palavra, tais boatos ouvidos em casa do feitor ou na cozinha. Miguel, mau grado seu, pensava frequentemente nisso, depois varria-o do espírito como quem se desfaz de um parasita, perturbado, todavia, com a ideia desses homens a quem o desejo levava tão longe que a tudo se atreviam. Anna tinha horror ao Mal, mas, às vezes, no seu pequeno oratório, diante da imagem de Madalena desfalecida aos pés de Cristo, pensava que devia ser bem doce apertar nos braços aquilo que se ama, e que a santa por certo arderia no desejo de que Jesus a erguesse.

Havia dias em que Miguel, sem fazer caso das proibições de dona Valentina, se levantava de madrugada, selava ele próprio o seu cavalo e lançava-se à aventura por aí fora, até às terras baixas. O solo estendia-se negro e nu; búfalos imóveis, deitados, numa mancha escura, mais pareciam, à distância, pedaços de rocha desabados das montanhas; montículos vulcânicos enchiam de bossas a charneca; havia sempre grande ventania. Dom Miguel, vendo a lama espessa espirrar sob os cascos do cavalo, travava de repente à beira de um pântano.